

*Somos consumidores de imagem; daí a necessidade de compreendermos a maneira como a imagem comunica e transmite suas mensagens. E, de fato, não podemos ficar indiferentes a uma das ferramentas que mais dominam a comunicação contemporânea (MARTINE JOLY, 2007).*

## **TODOS TÊM ALMA, ALGUNS TÊM SUAS “JANELAS FECHADAS”: SOBRE COMO TORNAR IMAGENS ACESSÍVEIS**

**C**rescemos entre imagens e reconhecemos o mundo por meio delas, arquivos que nos servirão por toda a vida. Desde a infância, somos impulsionados a viver culturas visuais, que nos levam a diferentes saberes. Pensamos e interagimos com imagens carregadas de significados e informações presentes em diferentes mídias, *dentrofora* da escola. Aprendemos a formular sequências imagéticas capazes, inclusive, de suscitar no outro criações, leituras e releituras. E, como praticantes culturais (CERTEAU, 1998) que somos, ancorados em nossas experiências, nos valem de táticas próprias de uso e acesso a informações que nos interessam, nos tocam e, por conseguinte, nos são úteis ao lermos e interpretarmos variadas imagens.

Se alguma imagem nos parece estranha *é natural que nos sintamos perdidos na presença de objetos com sentido apenas para uma visão integrada e procuremos refúgio no meio mais familiar: o das palavras* (ARNHEIM, 2005, p. 9). É particular à cultura visual nos levar

a leituras que apresentem especificidades de áreas do conhecimento que nos são familiares. Como, hoje, grande parte das nossas experiências vem por meio de dispositivos tecnológicos, principalmente os conectados em rede, aprimoramos, cotidianamente, a percepção de formas, cores, movimentos e a distinção entre espécies, lugares e tantas outras informações quanto nos sejam apresentadas visualmente. Contudo, algumas práticas demandam experiências interpessoais.

Quem solicita um prato em que receba informações como: o bife está ao meio-dia e as batatas às dez para as três? Só uma pessoa com cegueira. Ao convivermos com essas pessoas que veem o mundo com outros sentidos, tato, olfato, audição, memórias de imagens que antecederam a falta de visão, desenvolvemos práticas e táticas (CERTEAU, 1998) singulares de interpretações e releituras de imagens que nos tornam capazes de transformar o visual em textual. *Cada experiência de olhar é um limite, a gente não conhece as coisas como elas são, só o que é mediado pela nossa experiência* diz Paulo César Lopes, uma pessoa com deficiência visual, em *Janela da Alma* (2002), o que nos remete aos bons encontros (GARCIA; RODRIGUES, 2017) com pessoas como Paulo César; estar com elas nos ajudam a refutar ideias como as de quem acredita que não há necessidade de formar professores que incluam em suas práticas na escola transformar em texto o que parece óbvio e de fácil percepção, como, por exemplo, descrever sua sala de aula para um estudante que não tenha percepção visual.

Os encontros com quem necessita tomar nossos olhos como referência nos levam a tessituras de saberes e produção de currículos que contribuem para a formação de professores, pois *acreditamos que, para pensar os currículos, é preciso pensar a partir do que é tecido no "miudinho" dos cotidianos* (GARCIA; RODRIGUES, 2017, p. 123), logo, podemos, inclusive, potencializar nossa formação com a inclusão no

corpo docente de professores-formadores, mestres e doutores com deficiência visual. Esses são encontros que fazem toda a diferença.

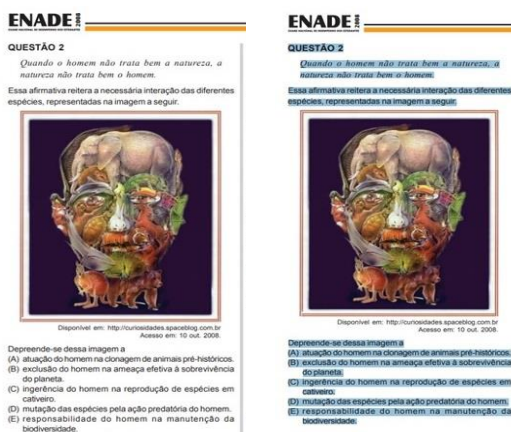
Para motivarmos no outro, sensações auditivas, táteis, olfativas, a partir do que vemos, contamos com as possíveis experiências dos nossos interlocutores e do quanto conhecemos da sua cultura, da forma como essa pessoa se apropria do mundo. Quanto maior a ausência de experiências visuais de quem recebe as imagens em forma de texto, oral ou escrito, maior será a sua atenção aos detalhes que fornecermos. Quem franquia sua visão, toma para si o lugar de receptor indireto da mensagem.

Joly (2007, p. 10-13), em seu ambicioso projeto, ao *explorar o modo como somos, intrinsecamente e culturalmente, iniciados na compreensão das imagens*, identifica a existência de fases pelas quais passamos ao nos apropriarmos dessas leituras. *Ao reconhecer algumas fases desta aprendizagem difusa, estaremos também a analisar e compreender em profundidade um dos mecanismos efetivamente dominantes da comunicação contemporânea.* À vista disso, a autora nos leva a refletir sobre o que existe de comum entre os diferentes tipos de imagens, *um desenho de uma criança, um filme, uma pintura rupestre ou impressionista, graffiti, cartazes, uma imagem mental, uma imagem de marca, falar por imagens e por aí a fora.*

Às formas de imagens postas em destaque por Joly (2007), incluímos as imagens textuais que, a partir de processos gráficos e midiáticos, são levadas de um arquivo para outro em forma de blocos textuais e, embora seja possível lê-las, também são imagens. Fazem parte desse grupo, gráficos, esquemas, mapas conceituais e tabelas, que, mesmo tendo construção de textos, inclusive os alfanuméricos, sua compreensão depende exclusivamente da percepção visual. Não é possível nenhuma outra forma de acesso.

Apesar de convivermos com práticas de descrição de imagens para estudantes com deficiência visual e formação de professores, inicial e continuada, para o desempenho de tais leituras, ainda nos surpreendemos com casos inusitados como o que fomos testemunhas em 2008. Uma estudante de Pedagogia, com cegueira, ao terminar a prova do ENADE, estava exausta. O referido exame tinha, em média, mais de uma imagem por página, um total de 26, entre tabelas, mapas, fotos, telas artísticas de diferentes épocas, gravuras, tirinhas e gráficos. Mas uma imagem específica causou-lhe um grande mal-estar. Uma das obras de Giuseppe Archbold, conforme pode-se conferir na imagem a seguir, levou a professora-ledora-transcritora do exame à seguinte interpretação: *Aqui tem um cara com a cara cheia de bicho*. E o que imaginou a candidata? Segundo ela, pensou que se tratava de um cadáver em decomposição; aí, nada mais fez sentido.

**Figura 1:**  
Questão2 da  
prova do  
ENADE 2008  
para  
estudantes  
de Pedagogia.



**Figura 1:**  
Questão2 da  
prova do  
ENADE 2008  
para estudantes  
de Pedagogia.  
Com seleção  
dos textos  
considerados  
acessíveis.

**Fonte:**

[https://download.inep.gov.br/download/Enade2008\\_RNP/PEDAGOGIA.pdf](https://download.inep.gov.br/download/Enade2008_RNP/PEDAGOGIA.pdf)

Quando o exame do ENADE foi publicado na *web*, a candidata recorreu ao arquivo para tentar lê-lo com auxílio de um *software* leitor de tela, mas, infelizmente, mais uma vez, não foi possível ter acesso à descrição da obra. Comparando as imagens acima, é possível perceber que a leitura eletrônica só é permitida onde, ao passar o mouse, o texto fica selecionado em azul. O que não pode ser detectado pelo mouse também não é detectável por leitores de tela, *softwares* encontrados

em variados dispositivos conectados em rede e utilizados, principalmente, por pessoas com deficiência visual.

Em arquivos *online*, tudo o que não pode ser selecionado é imagem, portanto, na imagem acima, é possível perceber que não estão acessíveis o nome e a logo do ENADE, o ano de 2008 e a obra de Archbold, e sua fonte. Faltou uma caixa de diálogo com a versão em texto das imagens, inclusive a transcrição das informações textuais salvas como imagem.

Mas, então, como a necessidade de acesso à informação deveria ter sido atendida? A candidata deveria ter recebido uma versão adaptada para pessoas com deficiência visual, o que facilitaria, inclusive, a atuação da professora.

Partindo do pescoço, por exemplo, os animais deveriam ter sido nomeados/descritos, dando-lhes suas localizações, assim: "o pescoço está representado por um canguru no lado esquerdo e um urso do lado direito". A professora tocaria no rosto da candidata, ou traria as mãos da candidata até seu próprio rosto, escolheria um lado para iniciar sua descrição, narrando a localização de cada animal. Foi assim que fizemos quando a candidata nos procurou para desvendar o mistério do "cara com a cara cheia de bichos", e ela, de imediato, respondeu: *Então era isso! Só isso? Que lindo!* Foi uma experiência emocionante e, igualmente, formativa.

Na mesma proporção em que devemos garantir que pessoas com algum tipo de deficiência visual tenham seus direitos de acesso à informação garantidos, precisamos considerar que os cursos de formação de professores devem oferecer experiência formativa nessa área do conhecimento, acessibilidade e inclusão. Apesar das "janelas fechadas", mesmo sem um dos sentidos, quem vive a cegueira é capaz de perceber o essencial; sua visão de mundo vai além do alcance dos olhos.

## Referências:

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora*. Nova versão. Tradução de Ivonne Teresinha de Faria. São Paulo: Pioneira. 2005. Disponível em: [https://monoskop.org/images/9/92/Arnheim\\_Rudolf\\_Arte\\_e\\_percepcao\\_visual.pdf](https://monoskop.org/images/9/92/Arnheim_Rudolf_Arte_e_percepcao_visual.pdf). Acesso em: 12 out 2021.

BRASIL. JANELA DA ALMA. Documentário. Direção/Roteiro: João Jardim e Walter Carvalho. Idiomas: português, inglês, francês, alemão. cor / p&b. 2001, 73 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I9I7upG0DI>. Acesso em: 12 out 2021

BRASIL. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. ENADE - 2008. Prova de Pedagogia. Nov 2008. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/download/Enade\\_2008\\_RNP/PEDAGOGIA.pdf](https://download.inep.gov.br/download/Enade_2008_RNP/PEDAGOGIA.pdf) Acesso em: 12 out 2021.

CERTEAU, Michel. *A arte de fazer: a invenção do cotidiano*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GARCIA, Alexandra; RODRIGUES, Allan. Dos Encontros nos Currículos – Esculturas e Singulares e Cotidianas de *Fazeressaberes*. *Cadernos de Pesquisa em Educação*, [s.l.], n. 45, p. 121-136, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/19028> Acesso em: 12 out 2021.

JOLY, Martine. *Introdução a análise da imagem*. Lisboa: 7o. Ed., 2007.

## Sobre a autora:

**Valeria de Oliveira** – Mestre em Educação pelo ProPEd/UERJ. Professora Assistente da UERJ, vinculada ao Atendimento Educacional Especializado – Ensino Colaborativo na Educação Básica, Coordenadora do AEE no Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, pertencente ao DAEE/CAP-UERJ. Coordenadora do Programa Rompendo Barreiras – PR4/UERJ. E-mail: [valeriagpdoc@gmail.com](mailto:valeriagpdoc@gmail.com).